

FRIEDRICH RATZEL: A IMPORTÂNCIA DE UM CLÁSSICO

Friedrich Ratzel: the importance of a classic

Wesley de Souza Arcassa¹

Recebido em: outubro de 2017

Aceito e Publicado em: dezembro de 2017

Resumo

Friedrich Ratzel ocupa um lugar de destaque entre os teóricos responsáveis pela institucionalização da Geografia, enquanto ramo autônomo do saber científico. Entretanto, uma significativa parcela de sua obra ainda não recebeu o tratamento merecido, pois interpretações equivocadas e distorcidas desenvolvidas por estudiosos não só da Geografia, contribuíram para que o autor fosse estigmatizado como determinista. Isso acabou por reduzir a utilização de algumas de suas ideias em muitos estudos científicos, o que evitou que uma parcela significativa do pensamento ratzeliano fosse melhor analisada e difundida. Assim, a análise exposta na sequência objetiva realizar uma revisão em torno de alguns aspectos da obra de Ratzel, procurando demonstrar em quais áreas do conhecimento científico este autor produziu estudos, bem como quais teóricos que lhe influenciaram. Além de abordar os períodos mais significativos de sua vida e o tipo de produção desenvolvido em cada um desses, investiga-se também a influência do período histórico vivenciado pelo autor perante suas concepções científicas.

Palavras-chave: Friedrich Ratzel; Geografia Política Clássica; História do Pensamento Geográfico.

Abstract

Friedrich Ratzel occupies a prominent place between the theorists responsible for the institutionalization of geography as autonomous branch of scientific knowledge. However, a significant portion of his work has not received the treatment worthy, because misleading and distorted developed by scholars not only of Geography, contributed to this author was stigmatized as deterministic. It eventually reduces the use of some of his ideas in many scientific studies, which avoided a significant portion of ratzelian thought it would be better analyzed and disseminated. Thus, the analysis contained in the following aims to review literature around some aspects of the Ratzel's work, seeking to demonstrate in which areas of scientific studies the author produced, as well as which theorists influenced him. Also approach the most significant periods of his life and type of production developed in each of these, it is also investigated the influence of the historical period experienced by the author before his scientific conceptions.

Keywords: Friedrich Ratzel; Classical Political Geography; History of Geographical Thought.

INTRODUÇÃO

A Geografia moderna nasce como um projeto da revolução burguesa. E como um fenômeno alemão, em que a revolução burguesa mais se atrasa. No formato de base com que se conhece, nasce por meio dos estudos de Immanuel Kant (1724-1804). Este não era um geógrafo

de formação, mas um filósofo do iluminismo. Preocupava-o como filósofo o estado de defasagem em que a Filosofia se encontrava em relação ao avanço da ciência no século XVIII (MOREIRA, 2008).

O período que se estende do início do século XIX ao começo do XX representa um dos momentos mais ricos e contraditórios do pensamento e da história humana, com grandes avanços no campo científico e filosófico. Para Moreira (2008), é durante este período que o mundo conhece a riqueza de teorias da chamada Geografia Clássica, representada principalmente pelas figuras de Alexander Von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859), os quais aparecem cronologicamente na sequência de Kant, responsáveis pela fundamentação e sistematização da ciência geográfica.

O contexto intelectual no qual se desenvolve a geografia modifica-se do mesmo modo que o ambiente econômico ou político. A era das filosofias românticas acabou. É a época do positivismo: a geografia não tinha sido afetada pelas primeiras formulações desta concepção da pesquisa e do mundo, na década de 1830; o é a partir do momento em que os sucessos da ciência e da tecnologia se multiplicam. (CLAVAL, 2006, p. 71).

Os geógrafos são rapidamente confrontados com um problema de delimitação face aos novos campos científicos, que evidentemente não ignoram a dimensão espacial dos seus domínios. Neste contexto, emerge a figura de Friedrich Ratzel (1844-1904), geógrafo alemão de singular importância no desenvolvimento da ciência geográfica, cujos estudos deram sequência à trajetória iniciada por Humboldt e Ritter na Geografia Alemã.

O relevante papel desempenhado por Ratzel tanto para a ciência geográfica, quanto para outros ramos do saber científico, ainda carece de maior atenção necessária, pois significativa parcela de suas ideias acabou estigmatizada. Isso porque, serviram de base para estudos reducionistas e deterministas, desenvolvidos não só por geógrafos, mas também por autores de outras ciências, o que contribuiu para uma interpretação errônea de seu pensamento.

Nesse sentido, o presente estudo visa realizar uma análise da trajetória de um dos mais eminentes geógrafos alemães, tido como “clássico” da Geografia e, fundador dos estudos em Geografia Política. Outrossim, serão enfocados os aspectos biográficos, além da diversificada produção literária ratzeliana, buscando elucidar a importância deste teórico na história do pensamento geográfico.

METODOLOGIA

Como princípio metodológico norteador para a elaboração do presente trabalho utilizou-se principalmente o levantamento de bibliografias concernentes à temática, oriundas de diferentes fontes e suportes. Isso porque, o trabalho realiza uma análise essencialmente teórica do assunto nele abordado.

Em contrapartida ao estudo dos principais aspectos do pensamento ratzeliano faz-se necessário também compreender o período histórico-científico no qual se insere o autor, o que denota a utilização de um método biográfico de pesquisa.

Os produtos finais obtidos no estudo objetivam servir de respaldo para a execução de análises e estudos futuros em relação às temáticas: Friedrich Ratzel; Geografia Política Clássica; Escola Alemã de Geografia; e, História do Pensamento Geográfico.

RATZEL: UM PENSADOR DE SEU TEMPO

Friedrich Ratzel (1844-1904) pode ser considerado como um dos mais eminentes pensadores “clássicos” da ciência geográfica, além de também ser apontado como o fundador do sub-ramo da Geografia conhecido como Geografia Política. Entretanto, grande parte de seus escritos acabaram sofrendo interpretações errôneas e tendenciosas com o transcorrer do tempo, sendo que muitos de seus estudos foram subestimados por uma parcela da comunidade científica. Esta ideia pode ser percebida através das explanações de Carvalho (1997):

O lugar e a importância da obra e das ideias de Friedrich Ratzel, no desenvolvimento da institucionalidade científica, está longe de receber um tratamento de unanimidade por parte de observadores e analistas desse processo. Em especial, nas análises produzidas por geógrafos e antropólogos, interessados em recompor arqueologias de suas áreas de conhecimento, tratamentos muito distintos têm sido observados, quando se trata de aquilatar o papel desempenhado por Ratzel no desenvolvimento e na institucionalização acadêmico-científica da geografia e também da etnografia/etnologia. Quanto ao tema, não são raras as omissões ou negligências cometidas, mas, em nossa opinião, as segundas têm se sobressaído às primeiras. (CARVALHO, 1997, p. 42).

A interpretação do pensamento de ratzeliano só é possível por meio da compreensão do período histórico em que o geógrafo viveu e produziu suas obras. Segundo Andrade (1987), as condições culturais, econômicas e políticas do início do século propiciaram as diretrizes intelectuais e científicas que mudariam o pensamento do século XIX e levariam ideias ao positivismo, estruturado por Augusto Comte. A preocupação com o controle da natureza

provocou uma expansão das ciências da observação e da experimentação, do domínio da razão prática, como diria Kant. Os cientistas procuraram acumular conhecimentos empíricos e fazer as suas formulações teóricas; os governos dos países mais comprometidos com a expansão colonial, como a Inglaterra, a França, a Prússia e, após 1871, a Alemanha, a Rússia etc. estimularam a formação de sociedades geográficas que patrocinavam expedições científicas ao interior da África, Ásia e América do Sul, à procura de recursos suscetíveis de exploração.

Um dos mais famosos cientistas do século XIX, o inglês Charles Darwin (1809-1882), fez a volta ao mundo estudando os animais e as plantas e desenvolveu, em seu livro que se tornou célebre, *A Origem das Espécies* (1859), uma teoria da evolução dos seres vivos, que contrariava as posições bíblicas, admitindo que as espécies evoluíam conforme a sua capacidade de vencer na luta pela vida. O racionalismo substituiu o finalismo, o iluminismo. Suas ideias, muito debatidas, exerceram grande influência sobre numerosos estudiosos. Ernst Haeckel, seu discípulo, aprofundaria os estudos sobre as relações entre o homem e o meio, além de usar pela primeira vez a expressão Ecologia; já Herbert Spencer desenvolveria o evolucionismo, que contribuía para trazer aos estudos sociais as ideias darwinistas. O evolucionismo levaria ao organicismo – comparação da sociedade a um organismo – e à crença no progresso contínuo e no aperfeiçoamento do homem, tão comum aos positivistas e aos anarquistas da segunda metade do século XIX. (ANDRADE, 1987, p. 50).

É neste panorama histórico que Ratzel iniciará seus estudos universitários no campo da Farmácia e Zoologia, não sendo, portanto, um geógrafo de formação. Cursa sucessivamente as universidades de Heidelberg, Jena e Berlim, sendo conduzido ao darwinismo por Moritz Wagner (1813-1887) que tinha introduzido na Alemanha as teses do grande cientista inglês e distinguia-se pelo papel que dava às migrações para explicar a diferenciação das espécies. A primeira obra de Ratzel, *Sein und Werden der Organischen Welt* (Essência e Destino do Mundo Orgânico, 1869), é inspirada nesse mestre.

Outro cientista a exercer forte influência na formação de Ratzel é Ernst Haeckel, responsável por cunhar o termo Ecologia, disciplina que examina a interação entre o homem e seu meio. Desde sua juventude, Ratzel estava impregnado de uma visão orgânica e evolucionista do homem e de suas criações, nomeadamente do Estado, pois o mesmo foi aluno de Haeckel.

Segundo Claval (1981), o determinismo expresso por Ritter, o mesmo que havia ilustrado antes uma significativa gama de ensaístas e filósofos do século XVIII, e o de Jean Bodin no século XVI, não gozava de notáveis expressões geográficas. Refletia mais uma profecia do que uma forma original de abordar o estudo da Geografia. Entretanto, em meados do século XIX, as

coisas passaram a ocorrer de maneira muito diferente. Quando Ratzel empreendeu seus estudos superiores na Universidade de Jena teve a oportunidade de entrar em contato com a obra *On the Origin of Species* (A Origem das Espécies, 1859) de Charles Darwin (1809-1882), a qual acabou por influenciar grande parte de seus estudos posteriores, tanto de cunho naturalista quanto político. Isso porque, segundo Claval (1981):

Vividamente interessado na publicação da Origem das Espécies, este sábio se tornou o propagador das ideias de Darwin na Alemanha. Ratzel publicou em 1869 uma obra na qual resumiu o essencial da doutrina darwiniana, vista através dos ensaios e artigos de Haeckel. Este livro tinha o título de *Sein und Werden der Organischen Welt*, mas encontrou pouca ressonância quando coincidiu com a aparição quase imediata de *Natürliche Schöpfungsgeschichte*, pelo próprio Haeckel.

[...]

Na época, Ratzel desenhava seus conceitos das ciências naturais, a ecologia era uma disciplina destinada a facilitar o estudo da evolução. É um fato comprovado que Ratzel adotou uma atitude cada vez mais independente e crítica em relação ao darwinismo. Suas opiniões foram estendidas nos contatos com o naturalista Wagner, que por sua vez era considerado como discípulo de Darwin, embora bastante livre. Mais tarde, quando Ratzel abraçou a fé luterana, sua posição evoluiu ainda mais. Mas, em suma, os contatos que ele teve com os meios naturalistas durante o período de sua formação científica influenciariam e perdurariam em seus conceitos relativos à ciência geográfica. (CLAVAL, 1981, p. 51-52).

Após concluir seus estudos na Universidade de Jena, tendo já publicado alguns estudos com base no darwinismo e outros no naturalismo, Ratzel alista-se nas tropas alemãs em 1870, pois seu viés nacionalista objetivava combater a França de Napoleão III. Depois viaja como jornalista pela Itália (1872) e pelos Estados Unidos/México (1873), onde passa vários anos. Pode-se dizer que é na observação do espaço americano que se torna geógrafo.

De volta à Alemanha, utiliza a experiência em solo norte-americano para defender sua tese de doutorado sobre a imigração chinesa na Califórnia, intitulada *Die Chinesische Auswanderung* (A Emigração Chinesa). Neste trabalho desenha-se a sua atenção à Geografia, aos movimentos da população sobre o planeta, às diferentes formas de invasão (*Anthropo-Geographie* [Antropogeografia], de 1882). Em 1886, é nomeado para a cátedra de Geografia da Universidade de Leipzig, considerada mais prestigiosa. Aí leva uma vida universitária normal sempre escrevendo e publicando muito. Segundo Defarges (2003), durante esse período:

Ratzel está profundamente envolvido nos debates sobre o lugar da Alemanha no mundo. É membro fundador do *Kolonialverein* (Comitê Colonial) e defende a ideia de um império colonial alemão. Trabalha sobre a África e estabelece um mapa deste continente, ainda mal conhecido no final do século XIX e vigorosamente disputado pelas potências europeias, ávidas de territórios e de mercados. Ao mesmo tempo, Ratzel constrói uma obra teórica de notável erudição: *Studien über Politische Räume* (Estudo sobre os Espaços Políticos), em 1895; *Der Staat und sein Boden* (Estado e Solo), em 1896; e, sobretudo, *Politische Geographie* [Geografia Política – uma geografia dos estados, do comércio e da guerra], em 1897. Em 1898, Ratzel publica *Deutschland, Einführung in die Heimatkunde* (Alemanha – introdução a uma ciência do país natal). Este livro, que teve um eco duradouro na opinião alemã até a Segunda Guerra Mundial, ilustra o aspecto extremo e, sem dúvida, o equívoco da ambição de Ratzel: apreender de maneira “científica” o seu próprio país e identificar as “leis objetivas” do seu desenvolvimento geográfico. Onde acaba a ciência? Onde começa a paixão? (DEFARGES, 2003, p. 69).

Entre 1901 e 1902, Ratzel elabora a sua síntese filosófica: *Die Erde und das Leben, Eine Vergleichende Erdkunde* (A Terra e a Vida – uma geografia comparada). Assim, conforme demonstra Korinman *apud* Defarges (2003, p. 69): “O geógrafo, cujo último período não deixa de acusar certo misticismo, associará de novo biogeografia e geografia humana”. Segundo esta visão, todas as atividades humanas estão tomadas por dinâmicas vitais, biológicas, orgânicas, políticas, sendo as construções culturais, econômicas e políticas regidas pelos mesmos princípios de crescimento, de declínio e de decomposição que as plantas.

Para o filósofo alemão Hegel, o homem é em primeiro lugar filho da sua época. Ratzel pertence a um momento da história alemã e, para além desta, do mundo. Nascido em 1844, tem 22 anos quando, na batalha de Sadowa-Königgrätz, a Prússia de Bismarck vence a Áustria de Francisco José I, sendo assim consagrada como o estado unificador da Alemanha. Com 26 anos, Ratzel participa nos combates da Guerra Franco-Alemã de 1870-1871. Quando em 1873 se viaja aos Estados Unidos, observa um país vasto, vigoroso, em plena reconstrução na sequência da Guerra da Secessão (1861-1865).

Quer estude a América, a emigração chinesa ou a África, Ratzel pertence às elites imbuídas da superioridade da sua nação e da Europa, mas que têm consciência da Terra como um espaço único. A colonização, as estradas de ferro, o barco a vapor ocasionam um alargamento dos quadros espaciais da época. No mesmo movimento, esta planetarização da visão dá a certos europeus o sentimento da pequenez dos seus territórios. Assim, pode-se dizer que Ratzel pertence a duas Alemanha distintas, representada inicialmente pela era bismarckiana (1862-1890) e mais tarde, sobretudo, pela era guilhermina (1888-1918).

Nesse sentido, Ó Tuathail *apud* Font e Rufi (2006) demonstra que Ratzel, efetivamente, encarna o ápice de diversas tradições. Sua biografia coincide com, e alcança sucessos científicos e políticos que marcaram não apenas o século XIX, mas também um futuro mais amplo. Doutor em Zoologia, o que o conecta com as teorias darwinistas, jornalista eventual, professor de Geografia quando a Prússia de Bismarck a institucionaliza em nível universitário, sua influência na política interna e externa, primeiro em seu estado natal, depois na jovem Alemanha, será notável. Esta influência será exercida através de sua atividade científica e, da estritamente política, atividade esta que assume primeiramente posições liberais e, mais tarde, conservadoras e agrárias, mas sempre nacionalistas.

O PENSAMENTO RATZELIANO

A obra de Ratzel é por meio de vários pontos de vista, indissociável de seu contexto, a começar por seu ambiente intelectual. É influenciado por Humboldt e Ritter, bem como por seus mestres mais diretos, Oscar Peschel (1826-1875) e Ernst Haeckel (1834-1919), os quais contribuem com suas interpretações sobre a relação entre o território e o Estado e, principalmente, pelas teorias de Charles Darwin aplicadas à sociedade, o “darwinismo social” na linha de Jean-Baptiste de Lamarck (1744-1829) e Herbert Spencer (1820-1903).

A concepção que Ratzel possui de geografia deve muito a Humboldt e Ritter, que estudou atentamente, mas ela é estruturada por uma visão darwinista. Ratzel procura estabelecer as leis gerais que regem a influência do meio sobre os grupos humanos: dedica-se ao estudo das relações que se desenvolvem, por assim dizer, “verticalmente” entre as sociedades e o ambiente em que vivem. Ratzel vai buscar em Moritz Wagner a ideia de que o movimento é uma das características centrais do mundo vivo, em especial do homem, o que o leva também a interessar-se pelos fenômenos de circulação ou, se quiser, pelas relações “horizontais” que as sociedades desenvolvem de um ponto da Terra a outro. (CLAVAL, 2006, p. 74).

Segundo Broek (1967), o ano de 1859 marcou não só a morte de Humboldt e Ritter como também a publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin, cujas ideias sobre adaptação ao meio e sobre a evolução estimularam os cientistas sociais a reavaliarem certos conceitos. Os gregos já haviam relacionado o caráter nacional com o clima. As observações da esfera biológica pareciam proporcionar a chave do entendimento científico das diferenças em níveis culturais e nas atividades econômicas. Entre os geógrafos foi, acima de tudo, Ratzel quem explorou as influências do ambiente físico sobre a humanidade.

[...] O primeiro volume de sua Antropogeografia apareceu em 1882. Embora o autor admitisse que outros fatores além da natureza modelasse o destino de um povo, a essência de sua argumentação era que o homem é uma criatura do seu ambiente, tal como Darwin provara a adaptação e sobrevivência dos mais aptos no mundo animal.

Ratzel, porém, era também um grande estudioso da Antropologia. Um melhor exame dos diferentes povos deve tê-lo convencido de que o homem é condicionado principalmente pelo seu ambiente cultural e que as suas reações à natureza diferem acentuadamente de acordo com a sua cultura. De qualquer modo, seu segundo volume da Antropogeografia (1891) revela um espírito diverso do primeiro. A ênfase recai, agora, sobre a distribuição e densidade da população, formas de colonização, migrações de povos e difusão de traços culturais. Ratzel não recorreu apenas às influências ambientais, mas igualmente, ou mais ainda, aos fatores histórico-culturais. (BROEK, 1967, p. 29-30).

Corroborando com estas ideias, Claval (2006) demonstra que desde as suas origens na Grécia, a Geografia propunha uma visão global da Terra e das divisões que nela são inscritas pela natureza ou pelos homens. A ideia de distinguir, no seio da disciplina, uma parte mais particularmente voltada para a descrição do quadro físico e natural e um domínio centrado no homem, nunca havia prosperado. Em uma óptica darwinista, a maneira como o ambiente molda os grupos humanos deve concentrar de forma muito particular a atenção. Assim, Ratzel dá um passo importante ao publicar a sua *Anthropogeographie*, ou geografia humana: a obra é construída em torno desta problemática. Os dois volumes que comporta são publicados com nove anos de intervalo, em 1882 e 1891. Ratzel utiliza este espaço de tempo para se familiarizar com a etnologia, cujo conhecimento lhe parece necessário para destacar as influências que lhe interessam. Estabelece uma distinção fundamental entre os *Naturvölker*, os povos que permaneceram no estado de natureza e só sobrevivem se se adaptarem ao ambiente onde vivem, e os *Kulturvölker* cujas técnicas materiais e formas de organização social e política são suficientemente evoluídos para que se possam isolar do meio natural. Os volumes da *Völkerkunde*, que publica de 1885 a 1888, analisam assim sucessivamente os povos de natureza e os povos de cultura.

Ratzel encara a geografia humana numa perspectiva evolucionista: faz a distinção entre os povos de natureza — cuja civilização, material e instituições sociais não são bastante avançados para lhes permitir escapar às determinações estreitas do lugar —, e os povos de cultura, que tiram melhor partido dos recursos do solo e do subsolo sabendo organizar-se em Estados para gozar da segurança interna, proteger-se de agressores eventuais e alargar os seus territórios quando necessário. Uma das diferenças essenciais entre os povos de natureza e os povos de cultura reside em que os primeiros permanecem

prisioneiros dos meios onde vivem pela falta de dispor de técnicas eficazes de transporte. Não ignoram a circulação, mas esta permanece local. Nos povos de cultura, em contrapartida, a circulação torna-se um dos fatores essenciais da organização do espaço. Graças aos transportes, é possível fazer vir do exterior o que não se pode produzir no local. Graças ao controle do espaço e da arte de organizá-lo, os povos desenvolvidos são capazes de impor a sua dominação às zonas habitadas por populações menos avançadas, e de integrá-las a sua economia. É através dessas formas de controle do espaço que os Estados modernos escapam às determinações locais que caracterizam os povos de natureza. (CLAVAL, 2011, p. 157-158).

Na concepção de Ratzel, os povos de cultura (*Kulturvölker*) possuem, como característica específica, uma forma de organização essencial para compreender o mundo contemporâneo: o Estado. A Geografia Política surge então como a parte mais original da geografia humana das sociedades evoluídas. Assim, Ratzel consagra-lhe, em 1897, a sua obra *Politische Geographie* (Geografia Política – uma geografia dos estados, do comércio e da guerra), responsável por inaugurar um novo campo de estudo na Geografia.

Segundo este teórico, o Estado consistia em um organismo dotado de características dinâmicas e, não simplesmente um ser assentado na configuração estática dos limites físicos estabelecidos pelos geógrafos. O Estado, dizia Ratzel, desenvolve-se de acordo com as flutuações, com os altos e baixos de sua história, ora aumentando ora diminuindo o seu território, apoiando-se em dois elementos fornecidos pela Geografia: o espaço e a posição.

Como o Estado não é concebível sem território e sem fronteiras, constituiu-se bastante rapidamente uma geografia política, e ainda que nas ciências políticas em geral se tenha perdido de vista com frequência a importância do fator espacial, da situação etc., considera-se, entretanto, como fora de dúvida que o Estado não pode existir sem um solo. Abstrai-lo numa teoria do Estado é uma tentativa vã que nunca pôde ter êxito senão de modo passageiro. (RATZEL, 1983, p. 93).

O território não se constitui em um espaço fixo, muito pelo contrário, encontra-se propenso a alterações profundas. Isso porque, Ratzel afirma que o Estado ávido de poder e que almejasse viver em paz, sem ameaças à sua integridade, deveria possuir sempre uma grande extensão territorial. A existência de espaço suficiente que lhe permitisse defender-se contra invasões provenientes de qualquer área era considerada essencial para que a sua estratégia pudesse ser traçada convenientemente, de acordo com os critérios previamente escolhidos pelos governantes. Assim, conforme o preconizado por Ratzel (1983, p. 94): “[...] Um povo regride

quando perde território. Ele pode contar, com menos cidadãos e conservar ainda muito solidamente o território onde se encontram as fontes de sua vida. Mas se seu território se reduz, é, de uma maneira geral, o começo do fim”.

Nesse sentido, pode-se inferir que a partir das influências recebidas de seus mestres iniciais Ratzel aprofunda seus estudos, o que resulta no estabelecimento de conceitos básicos como o *lebensraum* (espaço vital), que será um de seus principais legados. Suas referências o situam dentro do positivismo: de fato, sua obra representa uma tentativa de dotar de base científica — teoria, leis, previsibilidade — o comportamento espacial das sociedades e dos corpos políticos.

Por outro lado, no pensamento ratzeliano são evidentes as influências de outros campos, a destacar as que provêm da filosofia alemã e sua dimensão política. Ratzel bebe do idealismo de Hegel, especialmente em seus aspectos referentes à teoria do Estado – único ator territorial efetivo – e de Herder, por sua interpretação da responsabilidade histórica do povo alemão. Uma combinação paradoxal entre idealismo, às vezes romantismo e positivismo, que o inscreve na principal tradição intelectual que constrói o discurso nacional germânico. (FONT e RUFÍ, 2006, p. 58).

Este geógrafo alemão participa ativamente deste discurso sob duas perspectivas. Por um lado na argumentação da identidade e da coesão de um recém-constituído Estado alemão; e, de outro, na necessidade de expansão de tal Estado. Neste sentido trata-se de uma segunda geração do pensamento germânico, quando já se superou uma primeira frustração – a de Von Büllow, Fichte, entre outros – de ver um mundo germânico unido politicamente e forte, estando a Alemanha já equipara aos outros grandes Estados europeus.

O contexto em que Ratzel se move é o das economias industriais em disputa. O protecionismo alemão, norte-americano e francês frente a um projeto liberal britânico ainda em vigor; a luta pela defesa do acesso às matérias-primas e aos mercados; o imperialismo; são *inputs* e *outputs* das reflexões do geógrafo alemão, de sua obra e também de seus conselhos aos governantes alemães.

Segundo Lizza *apud* Font e Rufí (2006), a obra de Ratzel pode ser sintetizada pelo trinômio Estado/posição/dinâmica. No mínimo, o primeiro elemento é indiscutível: toda a teoria ratzeliana parte e termina no Estado, síntese e produto da sociedade, como se disse, de caráter hegeliano, que transcende seus aspectos meramente legais. Porém, um Estado que tem como componente fundamental o solo, ou melhor, o espaço. Isto não significa unicamente extensão espacial, mas também, e, sobretudo, a relação entre o espaço e a sociedade que nele vive.

Para Ratzel, o que define e dá coesão a um povo é o território que compartilha e sua história, quer dizer o tempo e o espaço comuns. No entanto, se da primeira categoria existe uma consciência difundida de sua importância, da segunda, não; esta era umas das obsessões de Ratzel: revelar a transcendência do espaço para a sobrevivência do Estado e, portanto, da sociedade. Nas palavras de Gallois *apud* Font e Rufi (2006, p. 59): “Cada cidadão deverá tomar consciência do caráter vital do território e de suas possibilidades de expansão: o sentido do espaço (*Raumsinn*) garante a perenidade da nação, a fortaleza e a independência do Estado”.

O *Raumsinn* tem correspondência com o *volksgeist*, o “espírito do povo”, fundamental para a formação do sentimento nacionalista alemão [...]. O espaço é, pois, um elemento vital e deve estar em consonância com as necessidades do povo. Esta seria uma aproximação ao conceito *lebensraum* que Ratzel desenvolve a partir de seu livro *Antropogeografia* (1882, vol. 1; e, 1891, vol. 2). Um conceito assimilado da biologia, o *ecúmeno* biogeográfico, e que dará margem a mil interpretações sobre se Ratzel tinha posições organicistas ou não. Em *A Terra e a Vida* (1901) estes argumentos adquirem tons sócio-darwinistas, na medida em que, paradoxalmente, os Estados não seriam entidades estáticas, mas teriam que estar em um constante movimento e competição entre si, um dinamismo que se expressará territorialmente. Finalmente, entre os Estados se estabelece uma luta pelo espaço. Renunciar à luta, renunciar ao espaço vital, significará a decadência de um povo. Esta lógica é a que marcará a dinâmica territorial do Estado, uma lógica de caráter hobbesiano em que o conflito fica legitimado por um direito natural, o de dar segurança e satisfação às necessidades da população. Com isto, Ratzel afasta-se da posição determinista intransigente que pouco a pouco tinha adquirido. Segundo ele, apenas as sociedades frágeis e primitivas sofrem de submissão ao meio; as restantes movem-se na marca do possibilismo, lutando pelo território de acordo com suas necessidades e capacidades. De fato, toda a teoria do *lebensraum* é expressão deste possibilismo. (FONT e RUFÍ, 2006, p. 59).

Além destas reflexões gerais, Ratzel entra mais precisamente em uma geografia política pragmática, tentando dar cobertura científica ao comportamento territorial do Estado. Na obra *Geografia Política* (1897) entendem-se melhor estas explicações: sobre o Estado e o mar, a localização e a expansão dos Estados, a fronteira, a demografia e o potencial dos Estados, as imigrações – um tema que ele havia estudado durante a sua estadia nos Estados Unidos e que considerava fundamental.

De acordo com Lescano *apud* Miyamoto (1995), em 1901, ao publicar a obra *Sobre as Leis da Expansão Territorial do Estado*, baseando-se em sete princípios elementares, Ratzel consegue

evidenciar a importância e a ligação existente entre o Estado e o espaço, princípios estes que ficariam conhecidos como *Teoria do Espaço Vital (Lebensraum)*:

- 1 – O espaço dos Estados aumenta com o crescimento da cultura;
- 2 – O crescimento dos Estados apresenta sintomas de desenvolvimento cultural, ideias, produção comercial e industrial etc., os quais necessariamente precedem a expansão efetiva do Estado;
- 3 – O crescimento dos Estados verifica-se pela gradual integração e coerência de pequenas unidades, mediante a amalgamação e a absorção de elementos menores;
- 4 – A fronteira é o órgão periférico do Estado, e, como tal, a prova de crescimento estatal; é a força e as mudanças desse organismo;
- 5 – Em seu crescimento o Estado tende a incluir seções politicamente valiosas, como os rios, as linhas de costa, as planícies e outras regiões ricas em recursos;
- 6 – O primeiro impulso para o crescimento territorial chega ao Estado primitivo vindo de fora, de uma civilização superior; e,
- 7 – A orientação geral para a conexão territorial transmite a tendência de crescimento territorial de espaço em espaço, incrementando sua identidade.

Cabe ainda destacar que, segundo esta concepção, o Estado deveria assumir uma política de poder, de expansão territorial. É essa política de poder que deve orientar as diretrizes governamentais na realização de seus objetivos.

Trata-se de uma teoria ratzeliana em grande medida eclipsada devido a sua implicação com os destinos da Alemanha. Isso porque, Ratzel intervém na *Weltpolitik* de Guilherme II (de quem será partidário), a qual possuía ideias opostas às de um Bismarck que saía de cena. Aposta na consolidação de uma grande frota capaz de competir com a britânica, na Alemanha imperial, no fomento das migrações alemãs como estratégia colonial, em uma *Mitteleuropa* unida sob o comando do *Kaiser*, expressando novamente o sonho do pangermanismo, defendido anteriormente por Von Bülow, List, Herder e Fichte.

Por fim, cabe salientar que Ratzel foi um dos teóricos capazes de “fazer escola” no campo da ciência geográfica, pois influenciou uma vasta gama de estudiosos por meio de suas obras. Sua influência é particularmente perceptível na França, onde Paul Vidal de La Blache (1845-1918) seguiu atentamente as publicações do geógrafo alemão. Já nos países anglo-

saxônicos os temas ratzelianos foram divulgados por seus discípulos, que segundo Moraes (2003) foram os responsáveis pela radicalização de suas colocações, constituindo o que se denomina “escola determinista” de Geografia, ou a doutrina do “determinismo geográfico”. Os autores dessa corrente partiram da definição ratzeliana do objeto da reflexão geográfica e simplificaram-na. Orientaram seus estudos por máximas como “as condições naturais determinam a História” ou “o homem é um produto do meio” empobrecendo bastante as formulações de Ratzel, que falava de influências. Na verdade, todo o trabalho desses autores se constituía na busca de evidências empíricas para teorias formuladas *a priori*. Seus mais eminentes representantes foram: Ellen Churchill Semple (1863-1932) e Ellsworth Huntington (1876-1947). A primeira, geógrafa americana, aluna de Ratzel, foi a responsável pela divulgação de suas teses nos Estados Unidos. Já as teorias do geógrafo inglês Huntington eram um pouco mais elaboradas. Este autor concebia um determinismo invertido, isto é, para ele, as condições naturais mais hostis seriam as que propiciariam o maior desenvolvimento.

São comuns os reducionismos e simplificações do pensamento ratzeliano, que em alguns casos é resumido apenas à lembrança dos possíveis equívocos cometidos, pelo pensador alemão, ao teorizar sobre as relações homem-natureza, ou ao defender suas crenças sobre a evolução dos processos civilizatórios. No primeiro caso, Ratzel teria sido um determinista ambiental incorrigível e, no segundo, um antievolucionista adepto de teses combatidas e desgastadas, como as do difusionismo, ou acertadamente condenadas, como as da superioridade civilizatória dos brancos caucasianos. (CARVALHO, 1997, p. 42).

Outro desdobramento apontado por Moraes (2003) refere-se à proposta de Ratzel que se manifestou na constituição da Geopolítica. Esta corrente, dedicada ao estudo da dominação dos territórios, partiu das colocações ratzelianas referentes à ação do Estado sobre o espaço. Esses autores desenvolveram teorias e técnicas que operacionalizaram e legitimaram o imperialismo, isto é, discutiram sobre as formas de defender, manter e conquistar os territórios. Os autores mais conhecidos dessa corrente foram: Rudolf Kjéllen (1864-1922), Halford John Mackinder (1861-1946) e Karl Ernst Haushofer (1869-1946). O primeiro, um sueco, criador do termo Geopolítica. O segundo, um almirante inglês, trouxe à discussão para o nível dos estados-maiores, tratando temas como o domínio das rotas marítimas, as áreas de influência de um país e as relações internacionais. Mackinder, cuja principal obra intitula-se *O Pivô Geográfico da História* (1904), desenvolveu uma importante teoria sobre as “áreas pivôs”, as quais seriam o coração de um dado território: para ele, quem as dominasse, dominaria todo o território. O general alemão

Haushofer conferiu a Geopolítica um caráter diretamente bélico, definindo-a como parte da estratégia militar. Este autor, que desenvolveu teorias referentes à ação do clima sobre os soldados, criou uma escola e influenciou diretamente os planos de expansão nazista. Até, hoje a Geopolítica persiste, sendo debatida nos departamentos de estado e nas academias militares.

Uma última perspectiva levantada por Moraes (2003) demonstra que a partir das formulações de Ratzel originou-se a chamada “escola ambientalista”. Isso porque, o geógrafo alemão foi, sem dúvida, o formulador de suas bases. Esta corrente propõe o estudo do homem em relação aos elementos do meio em que ele se insere. O conjunto dos elementos naturais é abordado como o ambiente vivenciado pelo homem. O ambientalismo representa um determinismo atenuado, sem visão fatalista e absoluta. A natureza não é vista mais como determinação, mas como suporte da vida humana. Mantém-se a concepção naturalista, porém sem a causalidade mecanicista. Modernamente, o ambientalismo se desenvolveu bastante, apoiado na Ecologia. A ideia de estudar as inter-relações dos organismos, que coabitam em determinado meio, já estava presente em Ratzel, pela influência que ele sofreu de Haeckel, o primeiro formulador da Ecologia, de quem havia sido aluno. Entretanto, é mais ao determinismo que ao ambientalismo que o nome de Ratzel acabou identificado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das temáticas enfocadas durante o texto torna-se possível inferir que Friedrich Ratzel desempenha um papel de fundamental importância na história da Geografia, o qual nem sempre recebeu a merecida atenção, sendo que uma parcela de suas ideias acabou distorcida/obscurecida com o passar do tempo. Não se pode deixar de destacar, que as teorias preconizadas pelo geógrafo alemão devem ser analisadas tendo como elemento estruturante o período histórico no qual foram produzidas. A Alemanha vivenciada pelo autor encontrava-se imersa em conflitos, buscando principalmente atingir a sua unificação política, bem como, conquistar novos territórios que lhe serviram de fonte de expansão.

Segundo Andrade (1987), a obra de Ratzel, expressa nos seus dois livros mais famosos, *Anthropogeographie* (1882/1891) e *Politische Geographie* (1897), malgrado as críticas que suscitou, teve influência basilar no desenvolvimento da Geografia, salientando o papel do homem e demonstrando claramente o caráter político e social desta ciência. As formulações deste geógrafo alemão foram responsáveis por fortalecimento do processo de sistematização da ciência geográfica.

A própria Geografia francesa, [...] é uma resposta às formulações desse autor. A importância maior de sua proposta reside no fato de haver trazido, para o debate geográfico, os temas políticos e econômicos, colocando o homem no centro das análises. (MORAES, 2003, p. 64).

Ratzel teve o mérito de dar à Geografia um método científico, podendo ser considerado o primeiro a ter estudado cientificamente a geografia humana. Além disso, manteve a unidade entre a geografia física e a geografia humana, pois, no seu trabalho, o homem está sempre relacionado com o ambiente físico.

É por causa da perspectiva darwinista que assumiu que Ratzel cria um novo capítulo da disciplina que batiza de geografia humana. Concebe-a como uma história natural das sociedades nas suas relações com o meio. Em lugar de se limitar ao estudo das relações estabelecidas localmente entre as diversas ordens da natureza, como faz a Ecologia, reconhece o papel desempenhado pela circulação.

[...]

A geografia ratzeliana combina, pois, princípios estritamente ambientalistas (são os que geralmente se retêm) e uma prática muito variada. No final da sua vida, Ratzel renuncia à visão darwinista que havia professado na juventude e concebe a evolução da humanidade em termos próximos dos de Ritter. (CLAVAL, 2006, p. 75-76).

Como fundador do campo de estudo da Geografia Política, Ratzel foi capaz de realizar análises para além da concepção determinista do meio natural como fundamento do “espírito das leis”, procurou elaborar uma verdadeira teoria das relações entre a política e o espaço, introduzindo o conceito de sentido do espaço, segundo o qual certos povos tinham maior capacidade de ordenar as paisagens, de valorizar os recursos naturais, de se fortalecer a partir do seu próprio enraizamento no território. Como ocorreu com as ciências sociais naquele período, o modelo de Ratzel foi fortemente inspirado na Biologia e, os temas por ele privilegiados respondiam à necessidade de refletir sobre os problemas de sua época, ou seja, a disputa por territórios e o fortalecimento do Estado como garantia de poder dos povos sobre os territórios ocupados.

Entretanto, para o influente historiador francês Lucien Febvre (1955), a obra de Ratzel é passível de críticas, principalmente no que se refere à adoção de ideias deterministas.

O erro de Ratzel foi, em nossa opinião, aceitar com excessiva docilidade certos problemas da mesma forma com que a tradição os representava. Foi não pensar seriamente em revisar seus termos e enunciados. Ele e seus discípulos e os geógrafos de outras escolas, na medida em que merecem e justificam as críticas que reproduzimos, são talvez e, acima de tudo, vítimas: vítimas de circunstâncias de ordem cronológica, independentes de sua vontade; mais claramente, vítimas da História. (FEBVRE, 1955, p.47).

Cabe ainda ressaltar as ideias tecidas por Carvalho (1997), para quem a maneira como Ratzel passou a figurar na história da Geografia e de outras ciências sociais, reflete certa adesão à oficialidade histórica estabelecida pelos franceses, ingleses e norte-americanos, já que a Alemanha acabou sendo derrotada durante as duas grandes guerras mundiais. Isso porque, sempre coube aos vitoriosos, detentores de certo direito, atribuir aos seus pares os papéis de maior destaque na institucionalização de algumas especialidades das chamadas ciências sociais. Mesmo que para isso fosse necessário se utilizar da manipulação de ideias.

Entretanto, Ratzel é sem dúvida um dos mais eminentes representantes da Geografia clássica alemã; sua obra, que trata de problemas que se associam aos de outras ciências naturais e sociais, se constitui em uma das contribuições mais importantes para o desenvolvimento da Geografia Moderna. Entretanto, este geógrafo, ainda, acaba sendo citado a partir de pontos de vista equivocados, principalmente por desconhecimento de seus estudos. Alguns estudiosos através de visões limitadas da produção do geógrafo alemão objetivam somente aplicar as teorias ratzelianas conforme suas necessidades, acabando por descontextualizá-las, ou mesmo, se apoderam de apenas alguns fragmentos esparsos das obras, para assim, compor uma ideia diferente da estabelecida pelo autor. Por fim, o fato de que a maior parte dos escritos ratzelianos encontra-se apenas em idioma alemão, havendo poucas traduções de sua obra, tende a dificultar a análise e disseminação corretas de suas ideias fundamentais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, Ciência da Sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

BROEX, Jan Otto Marius. **Iniciação ao Estudo da Geografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

CAPEL, Horacio. **Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea**: una introducción a la Geografía. 2. ed. Barcelona: Barcanova, 1983.

CARVALHO, Marcos Bernardino de. Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação? **Terra Livre**. São Paulo: AGB, n. 13, 1997. p. 42-60.

CASTRO, Iná Elias de. **Geografia e Política**: território, escalas de ação e instituições. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

_____. **Evolución de la Geografía Humana**. 2. ed. Barcelona: Oikos-Tau, 1981.

_____. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

DEFARGES, Philippe Moreau. **Introdução à Geopolítica**. Lisboa: Gradiva, 2003.

FEBVRE, Lucien. **La Tierra y la Evolucion Humana**. México: UTEHA, 1955.

FERREIRA, Conceição Coelho. **A Evolução do Pensamento Geográfico**. Lisboa: Gradiva, 1992.

FONT, Joan Nogue; RUFÍ, Joan Vicente. **Geopolítica, Identidade e Globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MENDOZA, Josefina Gómez; JIMÉNEZ, Julio Muñoz; CANTERO, Nicolás Ortega. **El Pensamiento Geográfico**: estudio interpretativo y antología de textos. 2. ed. Madrid: Alianza, 2002.

MIYAMOTO, Shiguenoli. **Geopolítica e poder no Brasil**. Campinas: Papirus, 1995.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia**: pequena história crítica. 19. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

_____. **Ratzel**. São Paulo: Ática, 1990.

MOREIRA, Ruy. **O Pensamento Geográfico Brasileiro**: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008. v. 1.

RATZEL, Friedrich. O Solo, a Sociedade e o Estado. In: **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo: USP/DG, n. 2, 1983.

VICENS VIVES, Jaume. **Tratado General de Geopolítica**. Barcelona: Vicens-Vives, 1951.

***Agradecimentos:**

- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento da pesquisa.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL); Técnico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); E-mail: arcassa@gmail.com